CRÍTICA LITERÁRIA

★ CARTILHA DO MARIALVA, OU DAS NEGAÇÕES LIBERTINAS

★ O RENDER DOS HERÓIS, narrativa dramática, por José Cardoso Pires

POR

JOÃO GASPAR SIMÕES

"LIBERTINO», sim, «marialva», não. Eis o que apetece exclamar quando acabamos de ler qualquer dos livros de José Cardoso Pires, inclusivamente os que escreveu muito antes de ter concebido esta sua Cartilha do Marialva ou das Negações Libertinas, de que a Editora Ulisseia fez uma formosa edição restrita, ou esta sua «narrativa dramática em três partes e uma apoteose», a que deu o título de O Render dos Heróis, e agora aparece na Colecção das Três Abelhas, das Publicações Europa-América. «Libertino» pela mesma razão que um Manuel Bandeira se proclamou como tal ao publicar a sua Libertinagem, «libertino», no alto significado de uma palavra que tem como raiz o vocábulo latino libertus, isto é, liberto, forro, escravo que recebeu a alforria. Se bem que José Cardoso Pires confira ao termo uma categoria histórica, digamos, e para ele «libertino» signifique o que primitivamente significou: herege — vocábulo que aparece no século XVI, atribuído a uma seita religiosa da Flandres —, o certo é que na sua etimologia latina não pode deixar de corresponder a esse mesmo significado. «Libertino» é o homem tanto quanto possível «liberto» ou «forro» de princípios e preconceitos, o homem capaz de sobrepor o juízo da razão à insensatez do instinto. «Libertos» ou «libertinos» têm sido entre nós, realmente, todos os homens que, ao arrepio do marialvismo, «o antilibertino português, privilegiado em nome da razão de Casa e Sangue», e no pleno uso das suas faculdades de Razão, ousaram afrontar os tabus nacionais, que nem sequer tinham a justificá-los, como acontece noutros países, uma espécie de cultura infusa, predicado respeitável quando porventura aparece em povos e em colectividades não cultas em si, mas apesar de tudo herdeiras de uma cultura ou de uma civilização cujas tradições vingam mesmo em terreno sáfaro e se impõem mesmo a quem as desdenha.

William Beckford, que José Cardoso Pires não deixa de citar, foi amigo do quarto marquês de Marialva, estribeiro-mor e general de cavalaria, cujo maior título de glória foi ser dos melhores cavaleiros da Europa e por assim dizer fundador da arte de montar que tem o seu nome. Homem franco, de predicados humanos rudimentares, basta ler o Diário do famoso Beckford para ficarmos com uma noção assaz elucidativa do que era a mentalidade desse homem e qual o nível de cultura da sua estirpe fidalga. O balde à cabeceira da mesa, pronto para os vómitos de Sua Excelência, que se refastelava de perdizes, e a absoluta ausência de livros no Palácio de Belém são das notas mais esclarecedoras registadas pela alta verve do viajante inglês, exemplo de espírito «libertino» que em Portugal chegou a passar por aquilo que não era, tão pouco perspicaz a fidalguia com quem privou, e tão consciente da sua superioridade se manteve o cresus britânico até mesmo quando a rainha D. Maria I se furtou a recebê-lo no Paço.

Província e cidade, tradição e razão — «marialvismo» e «libertinagem» — eis os pólos entre que se desenrola a história da nossa cultura. Nesta oposição se encontra, por assim dizer, a chave dos muitos males que corrompem o ouro puro de um destino que parece condenado a soçobrar às mãos dessa gente que usa da irracionalidade como justificação dos seus próprios limites e salvaguarda dos seus próprios interesses.

José Cardoso Pires, procedendo ao exame do marialvismo e redigindo esta elucidativa Cartilha do Marialva, procede, pela primeira vez, a uma operação de limpeza do terreno onde tantos outros têm trabalhado, menos aptos a ver por dentro o mecanismo de uma mentalidade muito mais pitoresca nas suas tramas sociais que no seu clima mental. E é isso que torna o livro de Cardoso Pires tão aliciante: analisando o marialvismo, fá-lo com conhecimento de causa. E' tão pitoresco a descascá-lo quanto é pitoresco o próprio marialvismo com casca ou sem ela, casca-grossa que no fundo é e sempre foi esse tipo de mentalidade, esse estilo de vida, como diria Gasset, nódoa indelével de uma cultura que tem como escopo supremo o ódio à inteligência.

«Libertino», José Cardoso Pires é-o na mesma escala em que o foram um Cavaleiro de Oliveira ou um D. Luís da Cunha. «Libertino», por antonomásia, é aquele que antes de mais nada luta pela sua alforria. E às vezes nessa luta perde-se tanto — que já não há tempo de recuperar o perdido em tarefas mais importantes. Esta sua nova elaboração literária — O Render dos Heróis — integra-se no quadro das obras que Cardoso Pires vem sucessivamente congeminando no seu ímpeto de alforria, no seu desejo de libertação de um jugo que acima de tudo tem por humilhante. Desta vez resistiu à tentação de antepor à obra de criação literária um desses prefácios em que é mestre. Mas tão grande é nele a necessidade de se explicar de outra maneira que não seja a própria criação literária que, ao mesmo tempo que dava à estampa a «narrativa dramática», fazia imprimir a Cartilha do Marialva. E' simultâneo do seu movimento criador o seu movimento explicador, se bem que, bem analisado, há em Cardoso Pires mais espírito criador que espírito analítico. E é isso que constitui, em grande parte, o «envoûtement» de uma obra como a referida Cartilha. Na criação literária pròpriamente dita, Cardoso Pires dir-se-á pesaroso por não poder dizer o mesmo de outra maneira: de maneira discursiva, analítica ou ensaística. E é isso, talvez, que justifica o inacabado de todas as suas obras de criação. Direi melhor: o «imperfeito», no sentido em que se dizem «imperfeitas» as capelas da Batalha.

O Render dos Heróis não foge à regra. Não que esta «narrativa dramática» seja em verdade «imperfeita». Pode dizer-se, mesmo, que nunca Cardoso Pires conseguira até à data obra tão «perfeita», tão acabada adentro das exigências técnicas do género em que se integra. No entanto, um pouco à maneira do Bernard Shaw do Pigmalião. O Render dos Heróis, escrito antes de mais nada para a leitura, carece de arranjo para o palco. Cardoso Pires utiliza a técnica dramática insinuando-lhe elementos de teatro lido. E a sua peça, que se apresenta como «narrativa dramática», nem é inteiramente peça nem inteiramente narrativa dramática. Libertinagem pura, eis o que se nos afigura esta atitude do autor das Histórias de Amor e do Anjo Amorado. E' libertinagem não só na forma adoptada para a criação literária, mas no próprio espírito da obra. O Render dos Heróis é bem um aposto ou continuado da Cartilha do Marialva. Esta pode servir, à letra, de prólogo àquela, embora nada nela pareça atinente ao problema do «marialvismo». E que a literatura de José Cardoso Pires, pela sua natural irreverência e calculada emancipação, não procede de acordo com as normas tradicionais. Estes heróis da patuleia, esta Maria da Fonte mitificada, estas lutas civis dramatizadas, são qualquer coisa de tão tipicamente nacional na tradição do «marialvismo» que Cardoso Pires, ao escrever o seu Render dos Heróis, pôs-nos diante dos olhos algo de que não pudemos ainda libertar-nos. No ímpeto revolucionário desta sublevação popular, que ficou conhecida na história de Portugal pelo nome de uma mulher que nunca ninguém soube ao certo quem teria sido, insinuam-se fermentos muito mais conservadores ou marialvistas que libertinos pròpriamente ditos. E se em dado momento tudo se fundiu e misturou no ódio aos cabrais — setembristas, miguelistas, patuleias — é que a «Maria da Fonte», no seu surto popular, comprometia qualquer possível veleidade de alforria na aspiração de gente que, no fim de contas, não tinha a mais pequena noção de liberdade. O impulso revolucionário veio de um instinto popular profundamente retrógrado: as medidas mais que razoáveis que impediam o enterramento nas igrejas. E aí temos como uma das revoltas populares mais típicas do nosso país se revestiu de características tudo que há de menos progressivas. É isso, aliás, que transparece da «narrativa dramática» de José Cardoso Pires. O espírito que preside à concepção de O Render dos Heróis é satírico. Não que se utilize nela uma sátira à maneira queirosiana, mas a sátira que um «libertino» pode segregar quando porventura lança mão de um tema em si mesmo tão mitificado que se não pode dizer concretamente onde estão os heróis e o que valem, de facto, heróis. A «Apoteose do Grotesco», que fecha a «narrativa dramática», explica o «marialvismo» da vida nacional pela antítese resultante de uma consagração de valores baralhados num tom tudo quanto há de menos consagratório desses mesmos valores incongruentes. Na ambiguidade da referida «narrativa dramática» insinua-se uma crítica no gosto das críticas como serão capazes de as fazer os verdadeiros «libertinos», isto é, aqueles que considero como tal na afirmação irreverente de uma alforria que no fundo ainda mostra, nos pulsos vincados, o estigma da grilheta secular.

Eis precisamente o que confere dramatismo a uma «narrativa» onde o riso está sempre à beira da lágrima. Não me atrevo a dizê-lo, pela simples razão de que de um «libertino» pode esperar-se tudo, até mesmo o contrário do que é de esperar (consagração do espírito emancipado e da liberdade de espírito elevados à décima potência, eis, no fundo, a libertinagem) mas afigura-se-me que de todas as obras de José Cardoso Pires, é esta O Render dos Heróis, a que evidencia mais plenamente um talento sem dúvida dos mais fortes e originais das nossas letras contemporâneas.